AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: **Sônia Oiticica** Diretor Fundador: **José Oiticica** Administrador: **Manuel Peres**

Redação: **Av. Treze de Maio, 23 — 9.º andar - sala 922**

ANO 11 N.º 123 | Rio de Janeiro, Dezembro de 1957 | PREÇO: Cr$ 2,00 | Registro SI/P-214 de 8-3-1946

Agindo isolados, cada um por si e sem união com os demais, sem preparação, sem agrupar as fôrças, perdem-se as energias em ações anãs e insignificantes

E. Malatesta

A tragédia do Paraná...

Por MANUEL PERES

Cada vez que discuto ou escrevo sôbre o problema agrário, recordo a afirmação de um grande filósofo chinês, afirmação esta que li num livro sôbre anarquismo, quando a minha formação ideológica ainda estava no seu período inicial.

Dizia o grande pensador asiático, falando sôbre a propriedade num sentido geral, o seguinte: *"O primeiro homem que, colocando estacas sôbre determinado número de hectares de terra, abusando da sua fôrça bruta, exclamou para os seus semelhantes: "esta terra é minha", foi o primeiro ladrão que teve a humanidade."*

Nada tão iníquo e infame como o monopólio exercido sôbre a terra por minorias egoístas que, explorando os pobres colonos e suas famílias, conseguem riquezas fabulosas, enquanto os escravos, trabalhando de sol a sol, morrem lentamente de fome.

Claro que o problema agrário oferece o mesmo aspecto de injustiça em todo o mundo. O caso do Brasil, porém merece um estudo especial da nossa parte, para demonstrar a incapacidade absoluta dos que a cada momento, no congresso e nos ministérios, discutem medidas tendentes a solucioná-lo, porque, mesmo levando em conta o sistema agrário em vigor na velha Europa, nós estamos em situação de verdadeira inferioridade. Vejamos.

Tem o Brasil a superfície territorial de 8. 524.000 quilômetros quadrados, sendo, por conseguinte, maior que tôda a Europa, exceptuando a Rússia, e a sua população, que não vai além de 60.000.000 de habitantes, ou come mal ou morre lentamente de fome.

Contrastando com êste quadro desolador vemos que a velha Europa, com pouco mais de 5 milhões de quilômetros quadrados, pode alimentar de forma mais humana e eqüitativa a mais de 500 milhões de habitantes!

No Brasil há de tudo em abundância. Terras férteis e produtivas, minas de ouro, prata, ferro, carvão e outros minerais, petróleo, borracha, café, algodão, cacau e muitos outros produtos.Mais de 60% das suas terras, porém estão em completo abandono, justamente porque pertencem ao Estado ou à minoria egoista que menciono ao iniciar minha crônica, quando lògicamente deviam ser propriedade da coletividade, dos trabalhadores, dos que empunham a enxada e abrem com os arados os sulcos, a fim de lançarem as sementes nas suas entranhas generosas.

O Estado e o capitalismo demonstram a sua incapacidade, pois esquecem que a terra é a fonte vital da existência e enquanto o problema agrário fica em completo abandono e o custo da vida encarece de forma alarmante, levando o povo à fome e ao desespêro, todos os recursos disponíveis são empregados na fundação da nova capital, que será apenas um ninho de burocratas inúteis e improdutivos...

A INFÂMIA DOS GRILEIROS

Não há muito vimos a tragédia que surgiu no próprio Distrito Federal, em terras da Barra da Tijuca, quando houve até assassinato de trabalhadores, mortos de emboscada por ordem dos chamados grileiros que, intitulando-se donos (o que era absolutamente falso) queriam arrebatar as terras aos pobres trabalhadores que as cultivavam com desvêlo e carinho.

Outros dêsses chamados proprietários, arrebatavam as terras aos camponêses para dividí-las em lotes e vendê-las a preços fabulosos, justamente quando era constatado que a produção agrícola do Distrito Federal era insuficiente para atender às necesidades da sua população...

O CASO DO PARANÁ

Neste aspecto podemos analisar a tragédia do Paraná, mais grave pelo número de vítimas que provocou e pela infâmia levada a efeito pelo governador daquêle Estado e seus capangas.

Homens honestos, conhecedores dos problemas agrícolas, transformaram terras incultas e abandonadas em verdadeiras granjas, com produção rica e abundante fazendo daquela região do Paraná um empório de progresso que dignificava e era motivo de orgulho para os seus habitantes.

Mas, os que nada fizeram para o cultivo e aproveitamento das terras, sempre em completo abandono, ao vê-las ricas e produtivas se declararam, como os grileiros do Distrito Federal, donos absolutos das mesmas. E surgiu a tragédia.

Reagiram os camponêses, pois não podiam aceitar, que àquelas terras, agora produtivas, graças ao seu esfôrço e tenacidade, fôssem entregues a homens que nada fizeram para torná-las úteis a coletividade, e pretendiam, ao apoderar-se das mesmas transformá-los em autênticos escravos.

Continuação da pág. 2

De Stalin a Zhukov

Kruchev, 1952: "Na presente etapa da história mundial e da história de nossa pátria não é concebível que se possa viver, construir e lutar sem o domínio completo de todos os conceitos que o camarada Stalin aportou à ciência marxista-leninista. Depois do XIX Congresso do Partido, nosso Partido marchará, com mais calma e confiança, para a vitória do comodismo, sob a guia do nosso chefe o mestre, o brilhante arquiteto do comunismo, nosso amado camarada Stálin. Glória ao grande Stálin!" (Ensurdecedores e prolongados aplausos. Todos ficam de pé. **Pravda,** 12-10-1852.

Kruchev, 1957: "Stálin abandonou o método da luta ideológica para adotar o da violência administrativa, o das repressões em massa e o do terror. Quantos se lhe opunham estavam condenados ao aniquilamento moral e corporal. Mas não só os que se lhe opunham. Stálin apelou ao terror contra muitos comunistas honrados. Bastava tornar-se suspeito de intensões hostís. As detenções e deportações em massa, sem julgamento prévio, criaram um estado de insegurança, de medo e até de desespêro. Por sua intolerância e barbárie condenou sumàriamente à morte a milhares de pessoas que não haviam cometido nenhum crime, mas que foram forçadas a confessar os delitos mais inverossímeis com o emprêgo de torturas cruéis e deshumanas." (Do XX Congresso do Partido).

Qual a razão desta mudança de linguagem?

Já vai longe o tempo em que o "comunismo" soviético era considerado como um sadio impulso revolucionário que definia ideais e promessas. A U.R.S.S. já é uma realidade: o fracasso rotundo de uma doutrina, por seus intérpretes materiais, diante dos problemas sociais concretos e angustiosos da humanidade.

Sintomas de uma crise desenvolvida por novas técnicas dentro do quadro de seu próprio sistema materialista. Lógica batalha entre duas fôrças: avanço técnico e progresso social. Fórmulas defensivas do burocratismo estatal destinado a afogar novas correntes revolucionárias, existentes no seio do povo soviético, impulsionadas contra a exploração do Estado e orientadas no sentido da supressão das classes.

A Rússia é um Estado. Todo Estado é uma organização criada pela sociedade capitalista para manter as condições exteriores de sua exploração contra o proletariado. O Estado soviético, como outro qualquer, seja qual for sua forma, é maquina exclusiva do capital. Em conseqüência, é um regime de exploração, sendo a classe obreira e proletária ùnicamente a explorada. Achamo-nos, pois, diante de um capitalismo de Estado, proprietário exclusivo das fábricas e da produção, representado pela burocracia chamada "comúnista".

Para reafirmar sua existência de classe ante o capitalismo clássico, esta burocracia precisou desenvolver ao máximo as fontes de exploração. Para isso reduziu ao mínimo o poder de compra do proletariado e suas necessidades humanas. São quarenta anos de exploração forçada, dando como resultado o antagonismo de duas classes: a proletária de um lado e a burocrática de outro.

Para manter esta situação e seu domínio de classe, a burocracia "comunista" necessita e cria um monstruoso aparelho de repressão. Esta é a razão da ditadura soviética. Esta a razão do culto a um só ditador. Stálin pôde ser um déspota durante trinta anos sôbre a Rússia inteira, não porque o fôsse em si mesmo, mas porque o burocratismo soviético precisa de um enorme tirano para manter sua exploração forçada do proletariado russo.

As declarações de Kruchev no XX Congreso, depois, portanto, da morte de Stálin, caíram ante os olhos dos ingênuos e dos otimistas inveterados, que não descobriram a falsidade e perfídia existente no "comunismo" bolchevista, como vaticínio promissoras perspectivas de desviação burguêsa. Já os canhonaços de Budapeste deram a resposta.

Kruchev, coom Stálin ou qualquer outro, nada mais é que o representante absoluto da burocracia "comunista" soviética que, sem escrúpulos, por todos os meios, defenderá bàrbamente uma situação ante o povo russo e ante o progresso social humano.

Atualmente o marechal Zhukov está destituído e degradado. Não sabemos qual será o seu itinerário, mas vemos qeu as velhas fórmulas e práticas de Moscou continuam em vigor. A engrenagem estatal jàmais se acha em estabilidade e segurança total. O poder é continuamente ambicionado e desejado pela casta mórbida e inútil dos povos. Os pretensos comunistas soviéticos deram o maior exemplo dêste fenômeno. Nem um só dêles, que tenha desempenhado a mais mínima função estatal logrou manter o sonho de sua ambição: um a um, todos foram caindo, tornando patente ao mundo a vergonhosa verdade desta luta do medo.

Desde o destronamento da Revolução Russa, cada bloco burocrático esforçou-se em criar um círculo de fiéis adeptos e colaboradores, empregando dinheiro, honrarias e interêsses. Para nenhum dêles os resultados puderam ser completos ou absolutos. No poder soviético, como em qualquer outro poder, nasceram as divergentes facções ditatoriais. Estas, por contradição inerente à natureza numana, tremem sempre. Vivem em constante medo, não apenas ante as maiorias populares, mas igualmente entre êles, porque sabem que o potencial destas acha-se em permanente revolta. Por mais que seus poderes empreguem a fôrça física e a violência como oposição, nada mais conseguem que desenvolver o medo e o terror.

Nestas comédias políticas, impulsos de medo e ambição, desenroladas na atmosfera opaca, incerta e negra do terror, imperam as deportações, assassínios e degradações. Caem marechais, generais, ministros, etc. O que não aparece, nesse oceano de incertezas, é nenhuma corrente proletária, nenhuma melhoria, nada de revolucionário, nada de progresso social.

SATÉLITES

Por NEMO

Não de forma científica, mas sob a rígida estrutura de um plano militar, foi lançado ao espaço o primeiro satélite artificial. A notícia não foi dada nem confirmada por homens de ciência, como se nada em comum tivessem com o feito. Foi servida teatralmente por sua majestade, sucessor dos Romanoff, o govêrno de tôdas as Rússias, da mesma forma que se declara uma guerra ou se comunica uma mobilização.

À margem da ciência, com histérica fanfarronice, os Estados de ambas as partes, desferindo seu habitual e pérfido floreio, começaram o pugilato político de reproches mútuos.

Mencionaram-se milhões e milhões de dólares. Horas e horas de atividades consumidas. Milhões e horas que, orientadas de forma mais sensata, aliviariam ràpidamente o sofrido malestar dos povos.

Durante o transcurso de todo um mês a propaganda soviética e ianqui revelaram os desperdícios monstruosos de energias humanas, não só para construir satélites de "paz", teleguiados de guerra, bombas nucleares, aviões a jato, canhões atômicos, etc., etc... Jámais se usou linguagem tão bélica, tão cínica e descarada. Entretanto a subalimentação açoita os tristes povos asiáticos dos territórios da União Soviética; o desemprêgo e a degeneração mental, patenteada pelas lutas racistas, extende-se pelos Estados Unidos a fome e a fôrça bruta fere e envilece os demais povos.

Intensa propaganda que os sensatos não escutam nem comentam. Êles tampouco a realizam porque lhes importa o estado miserável das gentes. Seu fim é desorientar o proletariado, promover sua desunião e impedir que sua trágica realidade o leve a uma ação de justiça.

A Rússia continuará lançando dezenas de satélites. Como era de esperar, os Estados Unidos replicam que os lançará em maior número e a mais elevadas alturas. Qual será o proveito? Jàmais do dinheiro estatal vimos fins altruistas nem boas intenções. Além do mais, que interêsse pode oferecer aos mortais dêste planeta uma hipotética viagem à Lua? Muito há que fazer em nossa Terra. Ainda desconhecemos cientìficamente um sem fim de fôrças de que sofremos a influência. Somos incapazes de transportarmo-nos ao seu centro, de descer ao fundo dos mares; não penetramos na origem do câncer, nem conhecemos a proveniência de inúmeros virus que nos causam a morte, etc., etc... Entretanto, a ambição domindora dos Estados, elevando ao mais alto grau seus sete pecados, ergue artifícios faraônicos de especulação social, mantendo essa "babel" política.

A conduta atual dos Estados necessita uma cadência de efeitos ultra terrestres, que justifiquem diante dos povos o desperdício militar, a posição bélica e a intoxicação psicológica das massas. Se buscarmos os proveitos que nos últimos anos os Estados promoveram para seus povos, veremos que são nulos, como sempre o foram. Seus objetivos foram sempre os mesmos: embrutecer os homens, calçar-lhes um par de botas, meter-lhes um capacete na cabeça, carregá-los com tôda classe de armas e projéteis e invenções modernas, lançando-os, depois, criminosamente, em lutas de extermínio.

E' inegável que, técnicamente, no que vai dêste século, o homem fez cousas admiráveis. Como se deve, também confessar que fisicamente continua frágil em sua pequenez e que, moralmente, vai-se atrofiando a enorme maioria, cada vez mais, enterrando sua dignidade e dançando indiferente ao compasso de velhos atavismos e mentiras estatais.

Paz! Grita-se em todo o mundo. Hipòcritamente, sob o manto desta palavra fomentam-se ódios e fazem-se guerra.

Paz! Proclama a U. R. S. S. enquanto entre as paredes de seu histórico e negro Kremlin os tecnicoburocratas "kruchevistas" desenvolvem a perigosa idéia de submeter novos braços proletários à iníqua exploração estatal.

Paz! Pedem os E. U. A., invadindo, por sua vez, e estabelecendo-se militarmente em diversas nações, apoiando governos ditatoriais e enriquecendo seus trustes.

Hoje, pode-se afirmar sem receio, todos os povos sofrem fome e miséria; 50% dos seres humanos cresem milagrosamente, raquiticos e escrofulosos, privados de tudo o necessário. Por que? Porque os Estados esbanjam as energias em mirabolantes grandezas político-militares, absorvendo as necessárias ao equilíbrio material da vida humana.

O estatismo aumenta dia por dia, reduzindo tudo em seu proveito. Até a ciência, que deveria ser tida como o laço fraternal da

(*Continuação*) 4

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Conseitos econômicos

Por GASTÃO LEVAL

1. OS PRECURSORES.

Em uma apreciação geral dos socialistas libertários, referida por Paulo Eltzbacher em seu extraordinário livro o Anarquismo, livro de extraordinária imparcialidade e sólida análise, porém que deveria ser completado, considera a William Godwin (1756-1836) como o primeiro pensador que tenha concebido e exposto em forma definitiva o essencial do pensamento anarquista.

Porém, como observa Henri Roussin em sua obra sôbre o pensador inglês, o escrito fundamental de Godwin "implica massa formidável de leituras"; é um cômputo das idéias do Evangelho, dos pensadores gregos e dos filósofos franceses e ingleses do século XVIII.

Veremos, por outra parte, que o surgimento do socialismo libertário na Europa, como escola formada e facção definida, lança fundas raízes nas tendências e escolas socialistas as mais variadas, que a precederam. Por sua vez estas escolas se entroncam com os reformadores da Idade Média, cujas idéias estão inspiradas quase tôdas no primitivo cristianismo. E é fartamente sabido que o crstianismo deve ás religiões orientais — Buda, Zend DAvesta, Confúcio, Lao-Tsé — a maior parte de seu conteúdo.

Proudhon assinalou muitas vêzes a oposição histórica da Igreja à usura, que era o sinônimo da exploração do homem pelo homem, recordou os esforços igualitários de Licurgo e não ignorava a nenhum dos grandes predecessores. Se pensamos que Proudhon, foi denominado por Kropotkine e outros e resultou efetivamente em "O pai da anarquia", a breve enumeração dessas fontes é necessária para conhecer as bases históricas dos princípios econômicos do socialismo libertário.

Agustin Hamon, Kropotkine, Rudolf Rocker e particularmente Max Nettlau se ocuparam em assinalar essas coincidências e essas raízes. Em seu livro: Esboço de uma história das utopias, Nettlau afirma a existência de umas 1.200 utopias de caráter socialista, religiosas ou atéias, autoritarias ou libertárias. A seriedade, os dotes, o enorme trabalho dêste investigador nos permite reproduzir êste dado com a maior confiança. Porém o socialismo não se fundamentou apenas na descrição de imaginárias sociedades futuras. A crítica da sociedade existente ocupou em sua produção uma literatura mais abundante ainda que as creações utópicas.

O livro mais antigo citado pelos teóricos do socialismo libertário como antecedentes de suas idéias é o *Taoteking*, conhecido com o nome de *"El livro del sendero recto y de la virtud.* (Dêsse livro deriva a religião taoista, a terceira depois do Budismo e Confucionismo. Infiltram-se práticas budistas no taoismo, cujos discípulos religiosos fizeram, como ocorre sempre, uma caricatura do pensamento de seu mestre).

Foi seu autor um chinês, Lao Tsé. Ainda quando seja muito insegura a fixação da época em que viveu, parece que foi por volta do século VI A. C..

Contemporâneo de brilhantes civilizações em decadência, Lao Tsé recomendava a vida simples para cada um e condições econômicas de igualdade. Censurava a sociedade: "Onde os seleiros estão completamente vasios. Porém as roupas são elegantes e magníficas." Reclamava a menor quantidade possível de govêrno como garantia da ordem, o "não fazer" dos governantes: "Faça o não fazer. Assim tudo se põem em ordem."

A ordem surgia, no seu entender, da própria vida e querer criar ou mantê-la dêsde cima era originar o cáos: "Quando os de cima não fazem nada, então o povo se forma por si mesmo. Quando os de cima amam a quietude, o povo vive por si só, quando os de cima não realizam qualquer atividade, o povo se enriquece por si próprio. Quando os de cima não têm apetite, o povo, por si mesmo, adquire simplicidade."

Tal era o que a experiência lhe ensinara em uma época da vida chinêsa em que se podia constatar essas irregularidades da ação governativa. E Lao Tsé dizia mais categoricamente ainda: "Quando mais luzem as leis e as ordens, tanto mais ladrões e bandidos haverá".

Sua obra não influiu diretamente na elaboração do socialismo, porém quem sabe quanto lhe deve o cristianismo, cuja repercussão sôbre o pensamento revolucionário se pode seguir passo a passo na história?

Platão — Diferente foi o papel desempenhado pela A República de Platão. Esta obra clássica foi conhecida por todos ou quase todos reformadores sociais.

Nela o grande discípulo de Sócrates imagina um Estado que segundo sua definição é simplesmente uma sociedade organizada sem ricos nem pobres. Sua opinião sôbre o privilégio era um ótimo antecedente para os socialistas modernos. "Não existe entre a riqueza e a virtude diferença, pois se as colocarmos nos pratos de uma balança, a ascenção de uma, fará baixar a outra".

Platão explica a organização dessa nova República, na qual o trabalho seria dividido por especialidades, explica como se impartirá a instrução e a educação, como se fará a defesa militar — com a pobreza obrigatória dos guerreiros — que a arte deverá prevalecer e até o caráter das relações sexuais.

Deverão governar os filósofos erigidos em legisladores e escolhidos após haverem demonstrados, durante 50 anos de preparação aptidões especiais. Igualmente os artesões, os lavradores, os guerreiros o serão a base de uma seleção feita durante a educação comum a que estarão submetidas as crianças.

Reconhecia-se, de acôrdo com a mentalidade e talvez a fatalidade da época, a necessidade da escravidão, porém não deveriam praticá-la os gregos entre si. Os escravos deveriam ser estrangeiros. E contrariamente o que ocorre com o "livre" cidadão moderno, o escravo teria asegurado os meios de existência e gozaria de considerações enquanto não pretendesse sair do papel que estava determinado pelos filósofos governantes.

A utopia de Platão exerceu e exerce ainda profunda influência. Inspirou provavelmente grande parte das construções socialistas — autoritárias ou libertárias posteriores. Implicava em síntese a criação de um novo tipo de sociedade, na qual a desigualdade econômica seria desterrada.

A TRAJEDIA...

Continuação da pág. 1

Veio então a violência, a perseguição sistemática, o assalto aos lares modestos para culminar no assassinato covarde, e na primeira surprêsa, sem amparo legal do govêrno do Estado, que tinha o dever de defender os seus direitos, já a autoridade se colocara ao lado dos usurpadores, muitos colonos passaram a fronteira buscando refúgio na República Argentina.

Só entao surgiram os primeiros clamores em todo o Brasil contra esta infâmia sem precedentes, e então também os colonos reagiram enérgicamente respondendo a violência com a violência, vendendo caro a vida para defenderem o que é seu, porque é fruto do seu trabalho fecundo e porque nessas terras está o pão e a felicidade dos seus filhos. E êles agora, firmes naqueles recantos produtivos declaram categóricamente num gesto de energia:

"Jamais entregaremos as terras. Elas são nossas e os seus produtos, fruto do nosso trabalho. Justifiquem os que se dizem proprietários que realmente lhes pertenciam, porém mesmo assim não as entregaremos pagando apenas o valôr que fôr estipulado para as mesmas."

Mesmo respeitando a deliberação dos colonos do Paraná, de pagarem pelas terras em litígio o preço que fôr estipulado, nós, como idealistas, que consideramos que a terra é de todos e para todos, entendemos que, lògicamente, êsses colonos nada devem pagar por essas terras, que se até então incultas e improdutivas não tinham dono, agora que produzem frutos abundantes só podem ser propriedade dessa coletividade heróica, que com sua brilhante conduta deu um exemplo maravilhoso a todos os trabalhadores do Brasil.

Aos colonos do Paraná, meu abraço sincero.

Clínica Social

A HERANÇA DO CÔNEGO

Pelo **Dr. Pedro Vallina**

Naquela manhã estive visitando a Gruta das Maravilhas, em Aracena, provincia de Huelva, Espanha, verdadeiro encanto da natureza. Já me dispunha a voltar a Sevilha, quando de improviso mudei de rumo e me dirigi ao povoado de Campofrio, onde tinha um primo, irmão do paroco, com quem tinha, por seus méritos pessoais, as melhores relações.

Pouco depois de lá chegar fui procurado por um homem em alvoroço que me pediu assistisse o parto de sua mulher, que não podia dar a luz apesar dos esforços do medico da localidade.

Tratava-se de uma família de lavradores acomodados. Em casa da parturiente encontrei seus pais e outros familiares extremamente alarmados com o que ocorria. Tranquilizei a enferma e a família e pedi ao jovem medico, pouco experimentado nestes transes, que aplicasse clorofórmio a parturiente, enquanto eu praticava a extração com o forceps. Enquanto isso, pediu-me a família que fizesse tudo o possivel para que a criança nascesse com vida. Minha intervenção teve êxito feliz e pude mostrar logo um formoso menino num berreiro estrepitoso, provocando manifestações de extraordinário júbilo. Então informaram-me do motivo que tinham para aquela alegria.

O recém-nascido acabava de herdar 80.000 duros!

Um tio da parturiente, que havia sido conego em Huelva, deixou em seu testamento, 80.000 duros para ela, no caso de que viesse a casar e tivesse descendência, sem cuja condição o capital pertenceria a uma congregação religiosa. Daí o apressarem-se, ao conhecer o testamento, em buscar um marido à jovem, que já passava dos trinta anos (possível motivo da lentidão do parto, ainda que não parecesse bem desenvolvida).

— "Se o dr. tivesse chegado mais tarde ou não tivesse vindo por aqui," disse-me o pai, "a criança teria morrido e perderíamos a herança."

"Parece que Deus o trouxe neste momento e o atribuímos a um milagre."

— "Não foi Deus que me trouxe," apressei-me a responder-lhe, "mas o demonio, para evitar que o dinheiro passasse às mãos de umas religiosas que não o necessitam." "Procurem aproveitá-lo bem na educação da criança, para que seja um homem útil, instruido e bom, e quando crescer saiba que o milagre não o fêz nem Deus nem Diabo, mas um anarquista, que dedicou sua vida ao estudo e a fazer o bem a seus semelhantes, de acôrdo com as idéias que professava."

A Comuna Republicana de Florença

Em plena Idade Média — a idade negra, como se comprazem em chamá-la alguns historiadores, mais interessados em agradar aos seus amos que em dizer a verdade — o federalismo nasceu em Florença, à beira do Arno.

No ano 1000 a crença do fim do mundo era geral. Os homens dessa época haviam abandonado tôda personalidade. Os aldeões deixaram de cultivar seus campos e se alimentavam de raizes; os comerciantes fecharam seus comércios, onde já não se encontrava mais nada e os intelectuais haviam abandonado seus trabalhos. A espantosa miséria era geral.

O ano 1000, porém, passou e o fim do mundo não se verificou. A vida recomeçou seu curso com tais exigências que foi preciso que a atividade dos homens se manifestasse novamente. Trascorreram, não obstante, mais de 60 anos antes de encontrar seu caráter normal, sendo em Florença em 1063, onde floresceu esta vida nova.

Por que ocorreu isto em Florença e não em outros lugares? Porque foi alí que se refugiaram os raros focos intelectuais que ainda subsistiam, principalmente nos mosteiros, onde Carlos Magno criou seus centros de cultura.

A Comuna de Florença foi, com efeito, uma **comuna sindical por excelência e cooperativa de fato**. Seu esplendor foi enorme e Florença converteu-se em farol que iluminou a Europa de 1063 a 1536.

Alcançou seu apogeu entre os anos de 1250 e 1350, depois declinou pouco a pouco, pela ação conjugada de seus clérigos, seus grandes, seus banqueiros aliados, como sempre, aos seus semelhantes do exterior. E pela união de Alexandre de Medicis e Maquiavel, fizeram-na desaparecer, em 1536, depois do descobrimento da América, que distraiu a atenção dos povos do velho continente, aos quais, sem embargo, tudo deviam: instrução, cultura, artes e ciências.

Não obstante a repercussão e as conseqüências da experiência conseguida durante 479 anos pela Comuna Republicana de Florença foram enormes e chegaram até nós, apesar da conspiração do silêncio.

De Florença partiram sucessivamente o Renascimento italiano, o Renascimento francês, a Reforma, a Revolução Francêsa, da qual os enciclopedistas foram os iniciadores e veio a ser, depois, a mãe de tôdas as revoluções dos séculos XIX e XX na Europa e no resto do mundo.

De **"A República de Florença"**, de **Stanley**.

Pode-se dizer hoje, graças ao historiador inglês, Stanley, que Florença foi não somente o ponto de partida de uma civilização nova, senão ainda o lugar do nascimento do federalismo, em sua forma sindical e cooperativa, que devemos precisamente realizar agora, se se deseja que o mundo escape ao cáos e à barbárie.

—:o:—

A VOZ DA OVELHA

Por frei MALAVENTURA

(*Especial para Ação Direta*)

A palestra de hoje, meus caros leitores, é dedicada aos "vôos altos" do "urbanista" das favelas e à indisciplina reinante entre os católicos brasileiros, "omandados" por Dom Jaime de Barros Câmara, cardeal-arcebispo desta metrópole.

São dois assuntos que mostram à saciedade o que vai de corrupção no seio da Igreja, completamente desviada de suas verdadeiras finalidades.

Os altos dignitários da hierarquia clerical encarregam-se, êles mesmos, de fornecer assuntos para serem criticados. Estão agindo como em país conquistado. E sem cerimônias.

Comecemos por D. Helder Câmara, "doublé" de refinado negocista e de bispo-auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que está "passando para trás" até o Presidente da República.

O problema da "urbanização" das favelas, a venda do terreno conquistado ao mar, que o govêrno lhe deu de graça e êle vendeu por 40 milhões de cruzeiros a uma autarquia e as contas do 36.º Congresso Clerical celebrado nesta Capital, em julho de 1955, que até agora não foram dadas a conhecer aos contribuintes, mas o Vaticano já as deve ter escriutrado na sua conta-corrente bancária internacional, são alguns dos fatos mais escandalosos ocorridos ultimamente.

Segundo informações publicadas na época, a receita do Congresso superou um bilhão de cruzeiros e a viagem do delegado pontifício que veio representar o Papa, custou mais de cinco milhões, despesa que a todos se afigurou excessiva e que deveria ser paga pelo tesouro de S. Pedro e não pelos cofres dos organizadores do Congresso.

Em dias do mês de setembro último, a pretêxto de tratar de assuntos concernentes à "urbanização" das favelas (a "bôca-rica" que lhe rende milhões e nunca terá fim), o bispo-"urbanista" do Rio de Janeiro esteve na Europa, com o dinheiro fácil que o govêrno brasileiro lhe fornece periódicamente. Enquanto D. Hélder esteve em Roma, onde fôra depositar dinheiro e receber ordens do Papa, seus auxiliares imediatos (entre os quais alguns especialistas em provocar incêndios misteriosos), continuaram os trabalhos de recenseamento dos favelados, vítimas do fogo, como os da favela de Morro Azul e Praia do Pinto (esta última por duas vêzes), onde centenas de trabalhadores perderam tudo o que possuiam, inclusive a fé na "Providência Divina", que nada faz nem pode fazer, para evitar os efeitos catastróficos causados pelos incêndios. Ao que tudo indica, as mãos dos misteriosos personagens que provocam o fogo, costumam molhar-se na "água-benta" das sacristias, logo após o trabalho realizado. "Se non é vero é ben trovato". A D. Helder e seus auxiliares ninguém lhes ganha em astúcia. Os incêndios das favelas nem o Diabo os prepararia melhor...

Ao regressar de Roma, o "urbanista" de batina declarou aos jornais que desejaria ir à Lua, logo que as viagens interplanetárias sejam iniciadas. "A Igreja deve estar em tôda parte" e quer ser um dos primeiros a estabelecer uma sucursal do Vaticano naquele satélite. Esqueceu-se o bispo-auxiliar do Rio de Janeiro do que ensina (embora ninguém acredite) a sua religião. Se Deus está em tôda parte, tudo vê e tudo ouve, para que essa pressa? Ou pretenderá "passar para trás até o "Criador" de tôdas as coisas?

Com essas atitudes Dom Hélder está demonstrando não acreditar muito no que aprendeu no Seminário. Os sêres humanos que ainda crêem no "poder sobrenatural da Santíssima Trindade" acabarão por perder a fé. O Diabo vai ficar contente (êle está sempre bem humorado, rindo-se das palhaçadas clericais) quando fôr reconhecida e proclamada a inutilidade do catolicismo e das outras religiões. Os homens de ciência estão superando a própria Natureza, sem o auxílio de Deus e muito menos da Internacional Negra. Os cientistas responsáveis pela criação do satélite artificial são ateus, pelos menos oficialmente, como manda o figurino. Não tiveram, portanto, inspiração divina, a não ser que Deus, a exemplo de muitos católicos, tenha mudado de opinião, fazendo causa comum com os seus "inimigos". Tudo é possível neste mundo de Deus, digo, do... Diabo.

A propósito. Vejamos agora como os católicos falam de si mesmos, fazendo autocrítica de suas "atividades" para provar que a indisciplina impera nas hostes do Vaticano. A religião parece um navio próximo a ir a pique. Quando isto está para acontecer, os ratos são os primeiros a abandonar a embarcação... E é isto que está acontecendo com os católicos romanos.

Monsenhor Henrique Magalhães, que pontifica diàriamente na Rádio Jornal do Brasil, massacrando os ouvidos dos radiouvintes com suas catilinárias clericais usou da palavra, por ocasião do encerramento da Semana Eucarística da Obra da Adoração Perpétua Brasileira e teve oportunidade de referir-se ao que êle denominou "o maior inimigo" da Igreja: A INDISCIPLINA CATÓLICA, isto é, "a não obediência dos católicos ao que mandam os seus pastores. Em palavras ardentes, enumerando fatos de todos os dias, mostrou quão prejudicial é para a Igreja esta indisciplina. As ordens, as recomendações, os conselhos dos Bispos, nossos Pastores, são discutidos, contrariados, desobedecidos, censurados, por pessoas católicas, ou que se dizem católicas. Esta indisciplina serve únicamente para enfraquecer a fôrça moral e espiritual da Igreja. Poder-se-á dizer que esta indisciplina é fruto da ignorância religiosa; no fundo não deixa de ser, mas na realidade é fruto muitas vêzes daqueles que se julgam sábios e doutores em matéria religiosa. Foi assim que o orador, numa expressão feliz, afirmou categóricamente: Prefiro mil católicos ignorantes mas disciplinados a mil católicos intelectuais indisciplinados".

Acreditamos ter contribuído eficientemente, para demonstrar a inutilidade das religiões e a obra social da Igreja, ao publicar esta palestra, exatamente no mês de dezembro, quando os catequistas e adeptos de tôdas as seitas redobram de atividade em propaganda de suas religiões, usando como estandarte o nome daquele que dizem já esteve na Terra, oferecendo o seu sacrifício para salvar a Humanidade. Há quem diga que êle voltará, mas duvidamos muito que isto aconteça... E' mais fácil Dom Hélder ir à Lua num foguete-avião russo ou americano, que Cristo voltar a êste planeta, onde seus próprios adeptos não se entendem mais. A confusão é geral E salve-se quem puder...

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

O que é o anarquismo...

Por GEORGE WOODCOK

Para muita gente Anarquismo continua a ser o que era para a burguesia, quando, há setenta anos, Bakúnin acendeu o pavio da revolução social nos céus da Europa: um credo de terror e destruição, de cáos e de luta social fratricida.

Para as classes dominantes é, de fato, um credo de terror e destruição, porquanto tal vitória significa o fim de seu mundo: o fim do relaxamento da minoria às expensas da miséria da maioria; o fim do privilégio e da exploração; o fim do dinheiro e da ganância.

Mas, conforme dizia Bakúnin, "o afã na destruição é, também, um afã criador. E, na destruição da presente conformação social, propõem os anarquistas, não o império do cáos, mas o advento de uma sociedade íntegra, baseada na livre cooperação, onde se torne realidade a igualdade, onde sejam abolidas a opressão e a exploração, onde os homens vivam em paz e confiança no regime de justiça e ajuda mútua entre os indivíduos, e onde a vida humana, livre dos elos da pobreza e da opressão governamegntal e proprietária, venha a se desenvolver com tal liberdade e riqueza como só esporàdicamente se conseguiu nos períodos mais vigorosos da história do mundo.

Cremos que nenhum homem sincero fará qualquer objeção ao nosso fim, expresso nestas linhas gerais. Qualquer pessoa politicamente consciente, concordará com que tal forma de vida social seja desejável, e a atração prevalecente pelo conceito de liberdade na maioria dos povos é bem demonstrada pelas repetidas vêzes que a ela recorrem os dirigentes afim de induzir seus dirigidos a lutar no interêsse de seus próprios imperialismos. Mesmo os partidos políticos, comunistas e socialistas, cujos métodos se baseiam em princípios autoritários diametralmente opostos aos do anarquismo, reclamam para si, como objetivo final, a sociedade anárquica, onde o Estado desaparecerá misteriosamente e de comum acôrdo.

Essa burguesia política, entretanto, sòmente em aparência adere ao conceito de sociedade libertária. Sua técnica inteira estriba-se, realmente, na tomada da maquinaria estatal e na substituição da atual classe exploradora por uma burocracia herdeira de seu poder e, portanto, de suas oportunidades de privilégio.

Dito processo opõe-se inteiramente à nossa idéia; é infantil supor que qualquer classe, uma vez em posse do poder, dêle venha abrir mão com a maior facilidade. O Estado nunca murchará: releva destruí-lo pela raíz.

PRATICABILIDADE DO ANARQUISMO — A objeção geral ao Anarquismo não descança, pois, em fundamentos de indesejabilidade, mas em fundamentos de impraticabilidade. Será preciso um longo período de educação, afirmam, antes de que o homem não faça da liberdade, abuso; sendo a natureza humana o que atualmente é, não pode haver justiça e igualdade entre os homens senão pela supervisão benévola de seus negócios através do govêrno. Os anarquistas, por outro lado, proclamam serem os seus os únicos meios de atingir uma conformação social justa e igualitária; ser o govêrno fonte necessária de privilégio e desigualdade e, conquanto seja necessário convir na insociabilidade atual do homem, não ser êle assim por características inatas, mas tão sòmente pelo desvio imposto à sua aptidão natural no sentido da ajuda mútua e da cooperação voluntária para a satisfação de necessidades comuns, através da imposição de um sistema estribado na coação e no embuste, eternas pedras fundamentais e necessárias do princípio de autoridade.

Examinemos as causas responsáveis pela injustiça e miséria da sociedade contemporânea. São, em suma, as instituições do govêrno e da propriedade; a exploração econômica e o domínio político da maioria pela minoria.

A SOCIEDADE DE CLASSES — A sociedade humana, hoje em dia, está dividida em duas classes: a dos que controlam os meios de produção e açambarcam os lucros de sua exploração, e a dos trabalhadores, que manejam os meios de produção pelo menor salário que aquêles se conformam em pagar. Isso tanto se aplica aos países ainda semi-feudais ou aos tornados pseudo-socialistas, quanto às plutocracias imperialistas do ocidente. Entre essas duas classes não há interêsse comuns; sua mútua rivalidade será inevitável enquanto perdurar a exploração do homem pelo homem.

O anarquismo reconhece, portanto, na luta de classes, características inevitável da sociedade atual e, igualmente, fator necessário na passagem de sociedade governamental para a sociedade livre.

O sistema através do qual o contrôle da propriedade dos meios de produção e da distribuição dos produtos permanece em mãos de uns poucos é antisocial, não somente pelo fato de permitir a uns poucos gozar do fartura enquanto a maioria vive pouco acima do nível da inanição, mas também por resultar num retardamento na exploração dos recursos da natureza e na depressão artificial do nível de vida social. A diferença no padrão de vida humana que resultaria de uma distribuição livre e igualitária dos atuais produtos da terra e da indústria é pequena, em comparação com o vasto incremento da produção então alcançada a par do grande aumento de lazer, uma vez aproveitados ao máximo ao recursos introduzidos pela ciência moderna para o aumento de produção da terra e das oficinas. Os interêsses da propriedade privada, entretanto, impedem o emprêgo total das conquistas da técnica a êsse respeito, desperdiçando, assim, em grande escala, em trabalho improdutivo, grande parte dos esforços miseràvelmente pagos do trabalhador.

O ESTADO — O sistema de propriedade, entretanto, não pode ser dissociado do Estado, que se criou e persistiu como instrumento de proteção da classe dominante sôbre a propriedade. O Estado é a superestrutura coercitiva que, sob o regime de propriedade, mantém, através dos meios de coação, como o parlamento, a polícia e o exército, o domínio e a propriedade das classes dominantes às expensas do trabalhador explorado.

Os socialistas pretendem que, abolindo-se a propriedade *privada*, pondo-se fim ao capitalismo e ao inquilinato, poder-se-á instaurar uma sociedade igualitária por meios governamentais, através da instituição do Estado. O anarquista, ao contrário, vê no Estado o principal inimigo da classe trabalhadora. Mesmo onde for destruído o capitalismo privado, como na Rússia, a existêncio prevalecente do Estado preserva a instituição da propriedade.

Os meios de produção podem ser teòricamente entregues às mãos dos trabalhadores, mas, enquanto permaneça o Estado, serão êles, na prática, controlados pelo burocracia governante, a qual investir-se-á do papel verdadeiro de classe possuidora. O fato de a nova classe dominante provir da massa trabalhadora não fará diferença alguma, pois sua situação forçá-la-á a assumir o papel de classe exploradora. A fim de manter sua posição, terá ela de usar o poder. "O poder corrompe, e o *poder absoluto* corrompe de modo absoluto", (isso não foi dito por um anarquista, mas por um liberal vitoriano após passar a vida inteira estudando o desenvolvimento das instituições humanas). O poder dá privilégio, o privilégio conferido pelo contrôle dos bens da sociedade; e o veredito da história aí está para demonstrar que, quem tem privilégios não renuncia fàcilmente a êles ou dêles deixa de lançar mão para fins egoistas.

O Estado está assumindo, hoje em dia, uma forma mais perigosa e potente que nunca. Em cada país o poder está passando paulatinamente às mãos da florescente burocracia fundada pelas necessidades do Estado. Os poderes políticos e econômicos estão se dissolvendo num só corpo, de forma que possam o Estado e sua classe dominante manter mais eficientemente seus contrôle e exploração.

É claro, portanto, que se os homens precisam da liberdade e querem chegar pelo menos à proximidade de um processo em que possam livremente desenvolver suas faculdades, releva abolir o Estado juntamente com o sistema de propriedade privada e outros meios de exploração, entre os quais o salariato e outros dele decorrentes.

CONSTRUINDO A SOCIEDADE LIVRE — Em lugar do Estado os anarquistas defendem o estabelecimento de uma sociedade na qual o princípio de organizaçao seja, não o govêrno dos homens, mas a administração dos recursos econômicos através da cooperação voluntária entre os trabalhadores.

Afim de derrubar a presente conformação social e lançar os fundamentos de uma nova, advogamos o método do sindicalismo, o que significa dizer a organização dos trabalhadores em sindicatos ou uniões, numa base industrial, em seus locais de trabalho. Os sindicatos diferem das "trade unions" comuns por não serem organizados, em princípio, para garantir melhoras reformistas de condiçoes sob o capitalismo, mas para realizar a revolução social através da ação econômica, se bem que apoiem êles a luta quotidiana dos trabalhadores, tanto como meio de enfraquecer as classes dominantes como de educar os trabalhadores nas táticas da luta de classes. Os sindicatos, ademais, diferem das "trade unions" pelo fato de, em vez de serem organizações centralizadas com burocracias governantes, constituem federações de grupos livremente interligados de trabalhadores organizados nas várias fábricas de cada indústria.

Na presente forma de sociedade o papel dos sindicatos é preparar o proletariado para a revolução. Não são as revoluções que aí podem ser feitas, como assevera Bakúnin, mas a preparação, de forma que quando aquelas ocorram, possam os trabalhadores conhecer os passos a dar no sentido de salvaguardar o sucesso da abolição do Estado e o estabelecimento da nova sociedade.

No processo da luta de classes o anarquista rejeita todos os métodos reformistas ou parlamentares, os quais só têm jôgo nas mãos da classe dominante e levam, assim, fatalmente, à colaboração de classes. A revolução só pode ser feita e ganha pela *ação direta* dos próprios trabalhadores, na esfera econômica, onde possuem poder decisivo. Na revolução, os sindicatos constituirão organizações pelas quais os trabalhadores levarão a efeito greves gerais, apossando-se das fábricas, fazendas e estradas de ferro e expulsando os proprietários e representantes do Estado.

A ESTRUTURA DA ANARQUIA — Após a revolução, servirão os sindicatos de alicerce para a nova sociedade. As indústrias serão administradas pelos próprios trabalhadores; cada fábrica, pelos homens e mulheres que nela trabalham; cada fazenda pelos próprios lavradores. As fábricas de cada indústria serão organizadas em federações regionais e nacionais, no sentido de coordenar a produção. Relacionando as várias indústrias haverá uma federação geral de indústrias. Da distribuição estarão encarregados os sindicatos de trabalhadores distribuidores, os quais as mercadorias serão distribuídas ao povo. Os serviços públicos, como o ensino e a medicina, serão levados a efeito pelos sindicatos de professores, médicos, enfermeiras etc., e os serviços públicos necessários, pelas comunas locais, que serão igualmente federadas regional e nacionalmente, do mesmo modo que os sindicatos. Nenhuma das federações regionais ou nacionais será investida de qualquer autoridade, constituindo apenas organizações voluntárias de coordenação e informação.

Uma vez desaparecida a sociedade burguesa, sumirá o Estado e seus apêndices. Uma sociedade livre e sem exclusivismo de interêsses, não precisará de parlamentos, códigos legais, polícia, exército e as mais instituições cujo fim é perservar o direito de propriedade. Os próprios trabalhadores saberão lidar com quem quizer interferir nas suas liberdades, uma vez delas havendo tomado posse.

Outra conseqüência de abolição da propriedade será o fim do sistema de salariato e do dinheiro, os mais eficientes meios para oprimir o povo no passado. Em vez de dinheiro, as mercadorias serão distribuídas aos consumidores, e não se ensaiará qualquer tentativa da impossível tarefa de medir a quantidade de gêneros cedidos pela quantidade ou qualidade do trabalho feito pelo consumidor. Uma vez alcançado o aumento de produção, aplicar-se-á o princípio "de cada um segundo suas fôrças, a cada um segundo suas necessidades".

A EVOLUÇÃO DA LIBERDADE — Sendo o Anarquismo baseado na crença do progresso contínuo da sociedade, é impossível ajustar a sociedade dentro de um determinado plano, uma vez ganha a liberdade. As formas centralizadas e gerais da organização industrial serão sucedidas por uma grande descentralização funcional e administrativa, uma pulverização em funções menores e grupos comunais e uma queda do sistema fabril, bem como por uma integração maior entre a cidade e o campo. Mas, em primeiro lugar, é preciso que se faça a revolução e que os sindicatos se apossem dos meios de produção, que passarão a ser desenvolvidos pelos trabalhadores.

Estamos num período de perecimento da velhas formas sociais, de mudança das formas de poder; um período em que o Estado parece estar levando-nos para um novo calvário de brutalidade e miséria. Cabe aos trabalhadores usar de suas fôrças, agora, para destruir a propriedade e a autoridade que a proteje, erguendo em seu lugar não outro edifício autoritário sob o disfarce de "govêrno revolucionário" ou "Estado proletário", mas a conformação social livre, a anarquia, exclusivamente na qual podem as vidas dos homens serem pautadas pela justiça e pela equidade, desenvolvendo-se a sociedade humana livremente; uma época de fartura e felicidade para todos, como o podem muito bem promover os progressos da ciência e os recursos da natureza em nossos dias.

Revelações sôbre favelas

Por IPÊ

Revelações estarrecedoras acaba de fazer o Instituto de Pesquizas e Estudos de Mercado (IPEME) sôbre as favelas cariocas, estudos que vêm colocar novamente na pauta das chagas sociais êsse doloroso e insolvível problema do capitalismo indígena que a igreja católica, através de Helder Câmara, tenta demagògicamente resolver sem atentar para as origens profundas e reais do problema.

O referido instituto provou, após exaustivas pesquizas, que 20% dos habitantes do Distrito Federal ou sejam 640.000 pessoas vivem em condições insuportáveis para os animais inferiores ou que, precisando os têrmos: uma parte da população carioca vegeta nas favelas sem a menor condiçao higiênica compatível com a sobrevivência animal.

Há na zona urbana do Distrito Federal 116.977 pocilgas construídas com barro e zinco, sem água corrente, sem luz elétrica, sem aparêlho sanitário e habitada cada uma, em média, por 5,47 pessoas.

40.000 CRIANÇAS COMO FUTUROS DELINQÜENTES

400.000 mil crianças pertencem a famílias de marginais o que vem a constituir gravíssimo problema social. O Estado como sempre servindo de caldo de cultura dos futuros delinqüentes que êle irá sàdicamente punir.

Chamamos a atenção do sr. Eudoro Magalhães, curador de menores, sempre solícito quando se trata de salvaguardar a moralidade burguêsa da juventude, com proibições de espetáculos de Roch'n Roll, films franceses e revistas sexológicas, porém que desaparece quando se trata de enfrentar problemas reais e de urgente solução.

COMO RESOLVER O PROBLEMA DAS FAVELAS?

As favelas não são problemas típicos do Brasil, existem em qualquer grande cidade. E' condição típica do sistema capitalista no qual a miséria da grande maioria permite a vida nababesca de poucos.

Resolver o problema das favelas implica no seguinte:

a) Fixação dos camponêses à terra, com a liquidação do latifúndio agrário. Não basta apenas fixar o camponês à terra é necessário fornecer-lhes os meios de subsistência.
b) Urbanização das favelas existentes com a participação ativa dos próprios habitantes, na construção de novas moradias, mais higiênicas e saudáveis.
c) Melhoramento do nível econômico e cultural do favelado.

Êstes pontos que parecem simples de serem resolvidos, só em parte poderão ser dentro da sociedade capitalista. Uma solução total, sòmente dentro de uma sociedade socialista libertária, com a destruição do capitalismo. Porém dentro das condições atuais devemos lutar para que o problema seja posto em evidência, para que o mínimo que possa ser resolvido o seja, sem a participação da igreja que tenta se aproveitar da miseria alheia para melhor florescer.

A participação ativa dos favelados na solução dêste problema social é condição básica para a sua efetivação.

ALGUNS DADOS QUE CONDUZEM À ORIGEM DO PROBLEMA

Apenas 20% dos favelados são nordestinos, "paus-de-arara", enquanto que a maioria, isto é, 62%, são emigrados dos Estados do Rio e Minas Gerais, 12% são naturais do Distrito Federal e 2,4% estrangeiros.

Com a percentagem acima atingimos uma faceta social e sociológica do problema. Atentem para o fato de que 82% dos favelados emigram de outros Estados; são camponeses que vivendo a insuportável miséria dos sertões, esmagados pelo regime latifundiário e de escravidão salarial, abandonam suas roças e são atraídos pela miragem de vida melhor e mais fácil na capital da República, camponêses corroídos por doenças e em estados de fome crônica ou aguda como se verifica nas grandes sêcas nordestinas, tangidos pelo instinto de sobrevivência em demanda aos morros cariocas nos quais vão constituir a quase totalidade da população.

O relatório chega à conclusão de que as péssimas condições de habitação que caracterizam as favelas, só em parte derivam das condições do meio geográfico e das circunstâncias históricas das edificações, ficando outra parte como reflexo natural da mentalidade e dos hábitos de uma população que traz, para as favelas, um modo de vida pré-formado no campo, nas roças, no eito que é de apavorante miséria.

Essa irregularidade cultural se reflete no estado de abandono em que vivem as crianças favelados e na elevada percentagem de ociosos.

Efemérides

NOVEMBRO NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA

Chicago 1887.

O proletariado internacional evoca sempre a data de 1.º de Maio de 1886, data em que, no grande comício realizado em Haymarket Park, foi acordada a declaração de uma greve geral para a conquista das 8 horas de trabalho, conquista esta que, no decurso de muitos anos, para torná-la efetiva em todo o mundo, deu margem a lutas titânicas, que custaram muito sangue e muitas lágrimas entre os oprimidos pela tirania capitalista.

Conseqüência daquele comício foi o monstruoso processo instaurado contra 8 anarquistas acusados pela reação norte-americana como instigadores de uma rebelião contra o regime e as leis em vigor na época.

Cinco foram condenados à morte e a execução teve lugar na madrugada de 11 de novembro de 1887, na cidade de Chicago. Alguns anos mais tarde, em 1893, após a revisão do processo pelo novo governador foi constatada a inocência dos 5 condenados. Era tarde demais para reparar a enorme injustiça.

Eis as últimas palavras dos condenados:

Parsons
Deixai que se ouça a voz do povo!
Engel
Hurra pela Anarquia!
Lingg
Desprezo vossa ordem, vossa lei, vossa fôrça, vossa autoridade! Enforcai-me!
Spiess
Tempo virá em que o nosso silêncio será mais poderoso que a nossa voz, que hoje estrangulais com a morte!
Fischer
Viva a anarquia!

Itália, 11-11-1921 —
Primeira tentativa de invasão fascista de Roma. O povo romano responde com o levante geral que marca verdadeira demonstração de fôrça e de coesão revolucionária. Tôdas as tentativas dos fascistas de tomar o quarteirão de S. Lorenzo foram frustradas pela resistência operária. A luta dura três dias. Seis mortos e cêrca de cento e cinqüenta feridos foi o resultado. Entre as muitas prisões cumpre destacar os militantes anarquistas Ametello Stagnetti, Figola, Senesi, Paolinelli e outros. Os fascistas foram obrigados a abandonar a tentativa.

Itália, 20-11-43 —
Foi fuzilado em Villa dell' Albero (Ravena) o companheiro Fabio Milandri juntamente com uma filha.

Estados Unidos, 27-11-1917 —
Em Seattle, Washings, foram presos 55 pessoas acusadas como anarquistas. A sede do "Círculo de Estados Sociais" foi invadida e tudo que nela foi encontrado foi sequestrado.

A "C. S." de 1.º de dez., enumerava: 22 prêsos em Seattle, 14 em Cle Elum, 8 em Black Diamond, outros em Roshguns, Renton, Walla Walla, localidade de Washington, em Portland, Oregon, uma centena ao todo, todos italianos, assinantes ou leitores de "Clonaca Sonversiva". Muitos dentre êles foram deportados.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

"SE O GOVÊRNO ITALIANO QUER DINHEIRO, QUE VENDA O VATICANO". — Linda Watson, norte-americana de origem e rainha irriquieta e insatisfeita das salsichas, de Chicago, dando expansão às suas excentricidades, andou correndo mundo à cata de aventuras. Passou por Capri, Itália, e pretendeu conquistar um ilhéu, forte, saudável, capaz de satisfazer-lhe os caprichos amorosos. Como não fôsse correspondida em suas pretensões, entrou em negociações com as autoridades para comprar a ilha e todos os seus habitantes, por trinta milhões de dólares. Capricho de gente rica, que pensa adquirir tudo com o dinheiro que acumulam explorando os trabalhadores. Mas a população de Capri, tomando a sério os boatos que começaram a circular de que a venda seria efetuada, para reforçar os recursos monetários do govêrno, respondeu da seguinte maneira: "Se o govêrno italiano precisa de dinheiro, que venda o Vaticano, que não nos faz falta alguma." E a rainha das salcichas não conseguiu o seu desejo de comprar a ilha nem o seu cobiçado ilhéu. Com dinheiro nem sempre se consegue tudo o que se quer. O diabo que o diga...

EM NOME DE DEUS, A MITRA ARQUIEPISCOPAL APODERA-SE DO BRASIL. — Noticiam os jornais que o Presidente da República enviou mensagem ao Congresso Nacional acompanhada de ante-projeto de lei que autoriza o Poder Executivo a doar à Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro o próprio nacional, com a área de 477,65 metros quadrados, situada no alto do Corcovado, nesta Capital, onde se acha erigida a imagem do Cristo Redentor. Os roupetas do Brasil estão de garras afiadas. Quando querem apoderar-se de alguma coisa, plantam um santo ou imagem em qualquer lugar e... pronto. Em seguida, um ato oficial legaliza a apropriação indébita. Como se vê, é fácil, aos componentes da Internacional Negra tomar posse do que não lhes pertence. Como o Brasil está sendo dirigido e digerido pelos representantes do Vaticano, tudo pode acontecer... Inclusive dentro em pouco a Cúria construir uma grade, um portão e um guichê para cobrar 5, 10, 20, 50 e mais cruzeiros para

PARA MAIOR GLÓRIA DE SATANAZ...

Por PEDRO BOTELHO JÚNIOR

que os habitantes do Rio de Janeiro e os turistas que nos visitam se deliciem com o panorama que se descortina, maravilhoso, do alto do Corcovado.

QUEM FOI A ROMA PERDEU O EMPRÊGO. — Cento e oitenta e oito "católicos brasileiros que foram a Roma para assistir a um Congresso Internacional da Juventude Operária Católica tiveram uma "agradável" surpresa ao voltar ao Brasil. Foram dispensados dos empregos, porque a excursão, que deveria durar o tempo necessário para visitar o Papa e freqüentar algumas igrejas, prolongou-se por dois meses e tanto. É que os jocistas, embora jovens e obedientes aos rígidos regulamentos da Igreja, não quizeram limitar-se ao inquisitorial programa organizado por D. Jaime, que foi o comandante dos excursionistas. Naturalmente, outros encantos possui a Cidade Eterna, como Paris, Londres ou Berlim. E vai daí, os mandamentos da Lei de Deus (o 6.º, 9.º e 10º), foram transgredidos como a coisa mais natural dêste mundo. A carne é fraca e a absolvição dos pecadores está garantida, desde que o penitente conte tudo, em seus mais mínimos detalhes, ao padre confessor. Êles gostam de ouvir histórias de sacristias, conventos e conventilhos... onde o Diabo anda sôlto.

"PEDRO MICO", DOM HÉLDER E AS FAVELAS. — O bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara, esteve no Ministério da Educação a fim dé solicitar do Ministro a censura da peça teatral "Pedro Mico", de Antonio Calado, porque êste se atreveu a "falar bonito" do bispo auxiliar e da sua "obra social" nas favelas. Positivamente, Dom Hélder não admite que alguém, seja quem for, se intrometa nas suas "marmeladas" junto ao govêrno e ao tesouro nacional. Porque, no dia em que se descobrirem os autores dos incêndios que periòdicamente destroem as barracas dos favelados, vai haver o "diabo". E com o diabo não se brinca. Os roupetas da Igreja sabem disso. Portanto, não adiante querer tapar o sol com a peneira. A verdade sempre aparece, ainda que seja em peças teatrais. AÇÃO DIRETA tem sido incansável nas críticas ao "urbanista" de batina e continuará lutando intransigentemente para desmascarar os que pensam que a questão social se resolve praticando falsa caridade e prometendo o Paraíso Celestial aos que neste mundo sofrem tôda sorte de exploração dos governos, dos empregadores e dos mais atilados sanguessugas que existem na Terra: os "homens" de batina.

MÁGICA, PRESTIDIGITAÇÃO E LATIM: RECEITA INDISPENSÁVEL PARA SER VIGÁRIO OU VIGARISTA. — Lemos no "Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa" o sentido exato das palavras *Magia* e *Prestidigitoção, Magia,* s. f. Religião dos *magos;* arte de produzir por meio de certos atos e palavras efeitos contrários às leis naturais, fascinação, encanto. *Prestidigitador,* Escamoteador que, pela ligeireza dos movimentos das mãos, faz deslocar ou desaparecer objetos sem o espectador ver como. *Latim,* s. m., A língua do antigo Lácio; a língua falada pelos romanos antigos; (fig.) coisa de difícil compreensão. Pois bem, com êstes três ingredientes, qualquer um pode ser vigário ou vigarista, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Nas pequenas biografias de grandes mágicos ocupam lugar de destaque vários padres, que além de falar latim, "coisa de difícil compreensão", são mágicos atuantes. Não é falando o latim, nos batizados, casamentos e missas, que êles conseguem canalizar para os seus bolsos sem fundo as importâncias que os incautos lhes pagam, a preço de tabela? Tão bons resultados tem dado ao clero essa *mágica besta* de subtrair dinheiro alheio, que um padre espanhol, mundialmente conhecido como especialista no assunto, escreveu "La Prestidigitación al Alcance de Todos", dedicada especialmente aos seminaristas, candidatos à vigarice profissional de vigário.

O trabalho é uma necessidade fisiológica?

Por RICARDO MELLA

Não me proponho fazer detido exame da questão. Limito-me a expor alguns arrazoados que podem servir de ponto de partida para uma análise mais profunda do problema.

Às objeções que os autoritários fazem à praticabilidade das idéias anarquistas e, sobretudo, à afirmação do trabalho voluntário numa sociedade livremente organizada. replica-se geralmente que, sendo o trabalho necessidade fisiloógica para o indivíduo, todos trabalharão voluntária e expontâneamente, supostas as condições de igualdade e solidariedade entre os homens.

A réplica feita em tais termos contém uma petição de princípio. é o trabalho necessidade fisiológica?

O trabalho é um modo de atividade. O indivíduo, em seu estado normal, é necessàriamente ativo, porque o exercício se deriva imediatamente dos órgãos e dos músculos. E', portanto, o exercício necessidade fisiológica à que ninguém pode fugir. Mas o trabalho não é o exercício pròpriamente dito, não é o exercício num sentido genérico, mas uma determinada e bem definida espécie de exercicio tendo em vista um rado dado fim. O trabalho é o exercício útil. Útil, entenda-se, não só para quem o execute, mas igualmente para seus semelhantes: útil para aquêle, no que afeta a seu organismo, pela satisfação da necessidade de exercício; e útil, também, no que concerne à economia social e individual, à alimentação, ao abrigo, ao vestuário, etc. Porque o exercício, em geral, pode carecer da condição de utilidade fora do benefício fisiológico do indivíduo que o pratica, e é precisamente nisto que se diferencia do trabalho pròpriamente dito. Um indivíduo qualquer emprega suas energias, sua atividade, na ginástica, nos exercícios atléticos, no desporto hípico ou ciclístico, na caça, etc... Executa-o, aparentemente, por recreio ao passatempo; de fato, responde a necessidades fortemente sentidas Para êle, pois, é útil êste exercicio. Sob o ponto de vista social e econômico, resulta improdutivo para os demais e para si mesmo Neste caso, o sujeito em questão faz exercício, mas não trabalha.

Outro indivìduo, pelo contrario, ainda que sem necessidade por sua posição social, dedica sua atividade à produção de quaisquer artefatos, ou cultiva sua horta, aparentemente por passatempo, mas em consequência das mesmas necessidades do primeiro. Pois para êste segundo sujeito é útil o exercício que executa, do mesmo modo que o é para seus semelhantes; útil para êle fisiológica e econômicamente; produtivo para si e para os demais. Neste caso há exercício e há trabalho.

E' pois, o trabalho, um modo especial de atividade, como já ficou dito; é uma determinada classe de exercício; mas não é tôda a atividade nem todo o exercício. Pode-se fazer exercício muscular e mental sem trabalhar, no sentido social e econômico da palavra e, por conseguinte, pode-se satisfazer a necessidade fisiológica do exercício mental e corporal sem trabalhar.

A conclusão é terminante e precisa. Afirmar que numa sociedade livre todo mundo trabalhara, porque o trabalho é necessidade fisiológica de que ninguém se pode excusar, equivale a substituir uma incógnita por outro da problema, deixando a questão em pé e conduzindo o raciocínio da gente comum à negação da possibilidade do trabalho livre. Alguém poderá replicar que muitos satisfarão a indiscutível necessidade de exercício em diversões e passatempos inúteis, por improdutivos.

Em minha opinião, não é a necessidade poderosíssima de alimentar-se, de vestir-se, de abrigar-se; é a necessidade de *viver* a que nos induz ao trabalho, isto é, a que nos dirige ao exercício útil, a que nos obriga a empregar nossa atividade tendo em mira o bem comum, próprio e alheio. Sem o estímulo destas necessidades, a atividade humana marcharia sem rumo e sem objetivo positivo na ordem social e econômica da existência Tal ocorre com as classes aristocráticas e ricas. Prevista de antemão a satisfação das necessidades primordiais, malbaratam suas atividades em jogos e vícios que o ócio alimenta.

Mas, em uma sociedade livre, onde todos os indivíduos estiverem em igualdade de condições econômicas, onde a riqueza não for patrimonio de alguns, mas de todos, será de temer que a maioria dos homens não queira trabalhar voluntàriamente? Eu digo que não, sem ser preciso afirmar que trabalharão, por ser necessidade fisiológica o trabalho. Trabalharão voluntáriamente, porque terão necessidade de comer e de vestir, de ler, de pintar, etc... e os meios de satisfazer tôdas estas necessidades não lhes serão dados graciosamente por nenhuma Providência de cunho novo.

Objetar-me-ão que o trabalho é, afinal de contas, necessário para viver. Claro que o é, sem a menor dúvida; é necessário individual e socialmente, como derivação das necessidades fundamentais de alimentar-se, vestir-se, etc. E', não obstante, uma necessidade de segunda ordem para o organismo, não sentida mecânicamente; uma necessidade da que o indivíduo se apercebe depois de uma operação analítica provocada pelo fato da convivência em sociedade, enquanto que as outras necessidades ão *primárias,* são as que nos conduzem à sociabilidade e, portanto, ao trabalho e à comunidade.

Precisamente por isso, porque a razão positiva do trabalho voluntário e livre repousa sôbre tôdas as necessidades fisiológicas, psíquicas e mentais, é de toda forma inconveniente argumentar em falso com a afirmação de que o trabalho é necessidade fisiológica quando, como vimos, esta afirmação refere-se ao exercício muscular e mental que, sem dúvida, pode ser realizado sem proveito para o indivíduo e para a comunidade, ainda quando ao indivíduo acomode e dê prazer.

("Revista Blanca", Madrid, 1-7 de 1899).

LIVROS SÔBRE PROBLEMAS SOCIAIS

Barata Dias — "Alqueive" (romance sôbre a vida miserável do camponês em Portugal, sanguessugado pelo Estado e pela Igreja)	50,00
Castro Soromenho — "Terra Morta" (romance sôbre a exploração do negro nas colônias portuguesas.	50,00
Eça de Queiroz — "O Crime do Padre Amaro" ...	125,00
Eça de Queiroz — "A Relíquia" (sátira contra a Igreja.	100,00
Mário F. dos Santos — "Análise Dialética do Marxismo".	100,00
Max Nordau — "Paradoxos"	50,00
J. Mario Guyau — "A Irreligião do Porvir".....	225,00
Alberto Ghiraldo — "Teatro Argentino", 2 vols...	270,00
Eugénio Rélgis — "História Sexual da Humanidade".	100,00
Joaquim Balaguer — "O Cristo da Liberdade"....	90,00

GREVE E SINDICALISMO

Por NEMO

"A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores". Êste é o sempre atual e indiscutível lema, mas para atingir um resultado positivo é necessário que cada trabalhador saiba ocupar seu posto e cumprir seu dever.

A greve sindical que, no mês passado, se desenvolveu em São Paulo, foi simpática por sua fôrça e extensão. Lamentavelmente, o chamado "sindicalismo trabalhista", de ação completamente política, alterou a essência das verdadeiras táticas que devem orientar as greves. Como é natural, esta alteração enganosa recai em prejuìzo da classe proletaria. que está longe de sua emancipação e que, por princípio, não deveria tolerar a perversão de sua principal arma: a greve.

Não falaremos das reivindicações formuiadas. Diremos que carecem de eficácia, não apresentando solução para o estado atual do trabalhador. Fixaremos nossa posição sôbre o sindicalismo e a greve diante da realidade presente.

Para nós, anarquistas, a greve não é um movimento de "conciliação e arbitragem" entre explorados e exploradores, mas a principal arma de imposição do proletariado moderno. Sem a greve, o sindicalismo pode ser considerado como marginal do movimento operário. Qual seria a fôrça do sindicato sem êste meio de pressão e de expressão? No regime capitalista, o sindicalismo, para contrabalançar a exploração, precisa seu braço combativo: a greve, exercida fora de tôda política e orientada nas táticas da *ação direta.*

O adversário e explorador do proletariado de hoje, não é sómente o capitalismo dos trustes, simbolizado por algumas centenas de ricaços de "cadillacs"; é igualmente o capitalismo de Estado, cujos privilégios ampliam-se e se renovam constantemente. Não é apenas a exploração tranquila de uns quantos favorecidos da fortuna; é a administração estatal que explora o trabalhador com o escândalo geral dos preços e dos impostos sôbre os mercados.

Por esta razão, o proletariado não pode pactuar nem aceitar a intervenção estatal sem atraiçoar-se a si mesmo. O sindicalismo deve reafirmar, pela ação direta, o valor de sua atuação, assumindo a responsabilidade de luta pela transformação do regime capitalista. Deve reconhecer conscientemente a sua competência como elemento de luta, demonstrando sua verdadeira responsabilidade perante o movimento operário e a classe obreira.

E que vimos em São Paulo? Que uma comissão de dirigentes sindicais transportou-se ao Rio de Janeiro para entrevistar-se com o Ministro do Trabalho, com o Presidente da República e — o que é o cúmulo — com o Ministro da Guerra. Com o Ministro do Trabalho, que legalisa sua exploração; com o Presidente da Republica, cabeça do Estado que o esmaga; com o Ministro da Guerra, que representa os organismos que lhe roubam mais de 35% de suas suadas atividades.

Estamos convencidos de que estas comissões de politiqueiros sindicais não representam nem a voz nem o sentir dos que, em São Paulo, entraram galhardamente em ação. Não se prestariam a estas baixezas humanas.

E' preciso não esquecer que a luta verdadeira não se fecha únicamente em reivindicações materiais. A plataforma básica é a luta de classes. A dos explorados contra a dos exploradores. Não apenas no plano nacional, mas no internacional.

Obreiros de tôdas as profissões, identifica teus inimigos. Nada esperes dos políticos. Emancipa teu sindicato, e tem sempre presente que suprimindo as classes, suprimes a exploração do homem pelo homem.

Pobre Igreja

Por Cristóbal Garcia

A Igreja Católica Apostólica Romana foi e é a síntese dos erros de todos os séculos e de tôdas as religiões desaparecidas; é o ecletismo das crenças e dos ritos colhidos de tôdas as idolatrias com adição dos próprios; é um cúmulo informe de dogmas absurdos e de noções equivocadas; absorveu a marca de tôdas as idades e de todas as barbáries que atravessou; adatou todos os seus deuses e os seus santos a todos os tempos e a todos os lugares, a todos os climas e a tôdas as côres raciais; é em suma uma colossal mistificação .

A Igreja Católica, com seus homens governa a Espanha, a Argentina, Portugal, Itália e parte da Alemanha e a Áustria — para não dizer tôda a Europa. Mas, ainda que lhe proibissem o poder político, resta-lhe o poder econômico, que nenhuma outra corporação, seita ou dogma pode igualar.

"L'Eco del Popolo", periódico socialista de Cremona, enumera os interêsses industriais e comerciais que o Vaticano controla sòmente na Itália, chegando à conclusão de que é o maior complexo capitalista do mundo. Vejamos: 25 Sociedades Anônimas; 1 Administração Especial; 5 Institutos de crédito; 1 Manufatura bancária; 1 Consórcio mobiliário; 4 Bancos. Ademais, só em casas e terrenos é proprietária de uma soma de 400.000 milhões de liras.

Nas Sagradas Escrituras vemos Jesus Cristo dizer: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois vem, e segue-me." "Tendo, porém, o jovem ouvido estas palavras retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades." "Então disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus." (Mateus, XIX, 21, 22, 23).

Ou os Evangelhos compostos pelo Espírito Santo dizem mentiras, ou o mesmo Cristo disse que nenhum rico pode salvar-se, que todos vão para o inferno, o que não está muito de acôrdo com o de reinar pela graça de Deus.

Os Cardeais e até os próprios Papas, que costumam deixar grandes fortunas ao morrer, também estão condenados e, portanto, mais que representantes de Deus, o são do Diabo.

Pobre Igreja, de quanta e imerecida miséria está rodeada!

SATÉLITES...

Continuação da pág 1

união dos povos, caiu na indigna mordaça do Estado, servindo de base à guerra futura.

Tudo caminha para o mal, não apenas o existente, mas o projetado também. A energia atômica foi transformada em bombas. Os novos satélites, não sabemos ainda o mal que nos acarretarão.

Os impérios e os Estados só trabalham num sentido: a destruição da humanidade. Por mais que os sábios, apoiados em exposições e conclusões evidentes, confirmem com energia os perigos dêstes caminhos, as atividades prosseguem incessantemente, com aberração criminal.

Diante do terror mundial que a política desenvolve, o anarquismo, cuja base é a promoção da harmonia, se bem que aplaudindo os resultados científicos de proveito para o bem comum, deixa de com êles simpatizar, denuncia-os e os combate quando convertidos em perigosos joguetes do Estado. E diz ao proletariado, que não só pela luta de classes, que não só por reivindicação social, mas essencialmente por instinto de conservação, deve intervir ràpidamente. Em suas mãos está a fôrça de combate, a única real, a única eficaz: a *produção* e a *revolução.* São as suficientes para, unidos em bloco internacional, endireitar o sinuoso caminho que aos povos estão impondo os Estados.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis